

*Fernando, FH*  
**FHC e a magia das pesquisas de opinião**

"Fernando Henrique optou por um determinado tipo de capitalismo, abandonando o socialismo. Ele deixou o socialismo para ganhar uma eleição, para ser presidente, para viajar, para ficar bonitinho e conhecer a rainha da Inglaterra." *Folha de S. Paulo, 17/5/98*



**O presidente é mestre em falar muito, e bem, mas precisa aprender a ouvir melhor**

O autor desse fraseado irônico não foi Lula ou Brizola, nem Ciro Gomes ou Itamar Franco, e sim o conceituado historiador e brasileiro americano Thomas Skidmore. Pegou mal. Não se vende tão barato a imagem de um presidente da República. O historiador que se respeita não se pode dar ao luxo de semelhantes ironias, sob pena de ter questionada sua imparcialidade. Será Skidmore um verdadeiro e sólido historiador ou um mero repórter da História? Amplamente bem informado sobre as coisas do Brasil, com sobra de senso comum, o que lhe falta é maior acuidade intelectual e sentido dos matizes, ao contrário de outro brasileiro também muito conhecido, como o francês Alain Touraine.

Para criticar Fernando Henrique será preciso nele distinguir o estadista do político. Estadista é o governante que sabe o que fazer com o Estado a partir da nação, isto é, em função desta, das possibilidades emergentes do país, de seu nível circunstancial e de seu destino histórico. Como estadista, Fernando Henrique é irrepreensível, sabe projetar à altura dos tempos, tanto na esfera interna como no plano externo, jamais perdendo o sentido do rumo progressista, integrador e democratizante que desde o início imprimiu à sua conduta.

Como político, ou seja, como estrategista daquele amplo processo de modernização e integração democrática do País, o presidente tem altos e baixos, acertos e erros, como não pode deixar de ser nas coisas humanas. Nada contra as alianças com o PFL e seu robusto profissionalismo político, por exemplo. Em linguagem psicanalítica, o PFL representa na políti-

ca brasileira o princípio da realidade, dos pés no chão. O princípio oposto, o da idealidade, está representado pelo partido dos tucanos, com os pés nas nuvens, nas árvores ou, às vezes, no muro. A polaridade dos dois princípios opostos produz a tensão política que move o País. A aliança do realismo com o idealismo se exprime naquela divisa de que tanto gosta o presi-

dente - a "utopia do possível". Longe de apontar para um ideal medíocre, esse desígnio baliza um programa dos mais produtivos, equilibrando arrojo (a utopia) com a cautela e a prudência dos grandes caçadores de feras (o possível). O contrário seria pura irresponsabilidade. Os que ironizam a utopia do possível, pedindo em seu lugar o impossível, fazem o jogo do extremismo, esquecendo, como já disse alguém, que o extremismo (de esquerda ou de direita) "é o freio da História".

No tocante aos tropeços do político FHC, basta que nos detenhamos num caso, que não é caso isolado, mas exemplar, ou "emblemático", como preferem os pedantes, da maneira de ser e de governar não só do

presidente como de todo o Planalto. Falamos da atual seca do Nordeste. Existe um enigma ainda não suficientemente indagado na omissão ou negligência do governo em tomar conhecimento de questão tão grave, flagelando periodicamente milhões de nossos irmãos nordestinos, já tão sofridos por outros motivos. Avisos não faltaram. Com meses de antecedência, choveram nos meios oficiais de Brasília gráficos do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais prevendo a gravidade da estiagem iminente, conforme lembra Ribamar Oliveira em artigo neste mesmo jornal. Recorda ainda o mesmo jornalista que uma comissão do Senado chegou a estudar o problema. E que, em setembro do ano passado, o atual ministro da Previdência, senador Waldeck Ornellas, entregou ao presidente "as catastróficas conclusões sobre os efeitos do El Niño no Nordeste".

Ah! Quem sabe o governo estivesse no final do ano muito preocupado com os efeitos da crise financeira na Ásia, sem tempo para pensar em outra coisa. Mas isso não é desculpa. Governar é como ir para a guerra: o inimigo pode surgir a qualquer momento e de qualquer lado, às vezes de mais de um lado ao mesmo tempo; força é estar prevenido. Para prevenir existem os assessores, os ministros, as secretarias, os órgãos

técnicos especializados, a imprensa, etc.

A dúvida que se apresenta aqui é a seguinte: será que o presidente dá ouvidos às fontes citadas de informação? Nenhuma fonte mais autorizada que o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, já mencionado. Por que misteriosa razão nosso lúcido presidente não ouviu aquele instituto, nem ministros, nem secretarias, nem algum assessor mais avisado? Por que se fez de surdo, para agora sofrer na carne as consequências gravosas de sua omissão? A estranheza de semelhante atitude, a nosso ver, só conta com uma explicação: o presidente prefere consultar outra fonte de informação por lhe parecer mais segura e insuspeita. Qual seria esta? Já se sabe: as pesquisas de opinião feitas semanalmente pelo governo mediante consulta direta à população. Ora, como tais pesquisas não sugeriam nenhuma preocupação com a seca do Nordeste, esse assunto foi descartado e caiu no vazio, como se não existisse.

Resta saber se um presidente da República, ou um governador de Estado ou prefeito, pode traçar sua linha de ação atendendo, exclusivamente, às pesquisas de opinião. A experiência acaba de demonstrar que não é possível governar ou administrar assim. As pesquisas de opinião limitam-se ao presente imediato, à atualidade. Ora, o político se define pela capacidade de previsão, de antecipação do que virá ou poderá vir. Para tanto não necessita de nenhum sexto sentido, basta-lhe combinar o resultado das pesquisas de opinião com os dados provenientes de outras fontes, como os órgãos especializados. Além disso, o político tem de *saber ouvir*, a exemplo dos próceres do PFL, Marco Maciel ou Antônio Carlos Magalhães. Estes falam pouco e ouvem muito. A audição de ACM é parabólica, atenta a todos os quadrantes. A política talvez seja questão mais de saber ouvir do que saber falar.

O nosso brilhante presidente é mestre em falar muito, e bem, mas precisa aprender a ouvir melhor. Ouvir aquilo que se diz e o que não se diz. Só assim um político prova sua têmpera de estadista.

